

COLEÇÃO FILOSOFIA VIVA

Idries Shah  
a sabedoria  
dos idiotas

tradução  
Julia Grillo

**Tabla**

# SUMÁRIO

- 9     NOTA
  
- 13    O FRUTO DO PARAÍSO
- 14    ALTIVO E GENEROSO
- 17    A CAIXA DE JOIAS
- 19    AHRAR E O CASAL RICO
- 21    BAHAUDIN E O VIAJANTE
- 22    COMIDA E CANETAS
- 23    O OLHAR DO PODER
- 27    NADA PARA O HOMEM ALÉM DAQUILO QUE  
      CONQUISTOU
- 28    LEITE E LEITE COALHADO
- 30    O TALISMÃ
- 32    DISCUSSÃO COM ACADÊMICOS
- 34    A HISTÓRIA DE HIRAVI
- 36    ALGO A APRENDER COM MIRI
- 38    O ÍDOLO DO REI LOUCO
- 40    DOIS LADOS
- 42    BOAS-VINDAS
- 43    AJMAL HUSSEIN E OS ERUDITOS
- 45    TIMUR E HAFIZ
- 46    COMPLETAMENTE CHEIO
- 48    CHARKHI E SEU TIO
- 49    O PRISIONEIRO DE SAMARCANDA
- 51    O LIVRO EM TURCO
- 53    MENDIGOS E TRABALHADORES
- 54    INALTERADOS
- 56    DIAGNÓSTICO
- 58    O KASHKUL

59	A VACA
60	INDIVIDUALIDADE E QUALIDADE
61	O PARAÍSO DA CANÇÃO
65	O TESOURO DOS GUARDIÕES
69	O APEGO CHAMADO DE GRAÇA
70	CORREÇÃO
71	O SANTO E O PECADOR
73	OS SHAYKHS DOS GORROS
77	O SEGREDO DO QUARTO TRANCADO
79	O MILAGRE DO DERVIXE REAL
81	O TESTE DE ISHAN WALI
85	MILAGRES OCULTOS
86	INGRESSAR EM UM CÍRCULO SUFI
87	UMA HISTÓRIA DE IBN-HALIM
89	A MULHER SUFI E A RAINHA
90	O ASSISTENTE DE COZINHEIRO
93	POR QUE O MOLHADO NÃO É SECO?
94	LIVROS
95	QUANDO UM HOMEM ENCONTRA A SI MESMO
97	O SUFI E A HISTÓRIA DE HALAK
98	PEIXES NA LUA
99	KILIDI E AS MOEDAS DE OURO
100	TRIGO E CEVADA
103	A GARRAFA DE VINHO
104	DISSE BAHAUDIN NAQSHBAND
105	A ESPONJA DOS PROBLEMAS
106	O PEIXE DE CRISTAL
107	O PORTADOR DO SELO
109	CHEIO
110	UMA VOZ NA NOITE
111	PERCEPÇÃO
112	RESTOS
113	A MOSCA DOURADA
115	A PROMESSA DA TABERNA

116	A FACA
117	CARAVANÇARAI
120	FANTASIAS
121	IRRELEVÂNCIA
123	FIDELIDADE
124	O SANTUÁRIO DE JOÃO BATISTA
126	O SIGNIFICADO
127	O MÉTODO
128	ABU TAHIR
129	CONTENÇÃO
130	PENEIRAR
131	O MESTRE PERFEITO
132	DAR E TOMAR
133	A PROVA DA RAPOSA
135	OPORTUNIDADE
136	O EMPRÉSTIMO
137	TECENDO LUZ
138	EXPLICAÇÃO
139	DIA E NOITE
140	A FONTE DO SER
141	TINGIDO
142	WAHAB IMRI
143	O VIGARISTA E O DERVIXE
144	ESPERANÇA
146	QUERER
147	O ARQUEIRO
148	MAHMUD E O DERVIXE
149	ETAPAS
150	O QUE HÁ NELE
151	SADIO E DOENTE
152	COZIDO DE CORDEIRO
153	ENCONTRAR DEFEITOS
154	ESCUA
155	O FILHOTE DE ELEFANTE

## NOTA

Já que os pensadores limitados consideram sabedoria aquilo que costuma ser visto pelos sufis como insensatez, estes, em contrapartida, às vezes chamam a si mesmos de “Os Idiotas”.

Por uma feliz coincidência, além disso, a palavra árabe para “santo” (*wali*) tem o mesmo equivalente numérico daquela para “idiota” (*balid*).

Assim, temos um duplo motivo para considerar os grandes sufis como nossos próprios idiotas.

Este livro contém um pouco da sua sabedoria.

# A SABEDORIA DOS IDIOTAS

# O FRUTO DO PARAÍSO

Houve, certa vez, uma mulher que ouviu falar do Fruto do Paraíso. Ela o cobiçou.

Então, perguntou a um dervixe, que chamaremos de Sabar:

“Como posso encontrar esse fruto e assim obter o conhecimento direto?”

“O melhor conselho para você é que venha estudar comigo”, disse o dervixe. “Mas, caso se negue, você terá de viajar pelo mundo com determinação e, por vezes, sem descanso.”

Ela o deixou e buscou outro dervixe, Arif, o Conhecedor. Depois, encontrou Hakim, o Sábio, e Majzub, o Louco, e Alim, o Cientista, e muitos outros...

Passou trinta anos em sua busca. Até que finalmente chegou a um jardim. Lá estava a Árvore do Paraíso, e dos seus galhos pendia o reluzente Fruto do Paraíso.

Ao lado da Árvore, estava Sabar, o primeiro dervixe.

“Por que não me disse, quando nos encontramos pela primeira vez, que era *você* o guardião do Fruto do Paraíso?”, indagou ela.

“Porque você não teria acreditado em mim naquele momento. Além disso, a Árvore só dá frutos uma vez a cada trinta anos e trinta dias.”

## ALTIVO E GENEROSO

Os sufis, ao contrário de outros místicos ou supostos detentores de uma sabedoria especial, têm a reputação de serem altivos. Essa altivez, segundo eles mesmos, não é mais do que uma interpretação equivocada do seu comportamento. “Se uma pessoa”, eles dizem, “fosse capaz de fazer fogo sem friccionar gravetos, e dissesse isso aos outros, ela pareceria altiva para alguém incapaz de fazer o mesmo.”

Eles também têm a reputação de serem extremamente generosos. Sua generosidade, como dizem, está nas coisas que realmente importam. A prodigalidade com as coisas materiais é, para eles, apenas um reflexo da sua generosidade com a sabedoria.

Aqueles que querem estudar o caminho sufi muitas vezes praticam a generosidade em relação aos bens, na tentativa de atingir uma forma superior de generosidade.

Seja como for, há uma história interessante que se conta a respeito de três homens generosos da Arábia.

Houve, certa vez, uma disputa entre os árabes para ver quem era o homem mais generoso do mundo. Os debates duraram vários dias, até que, finalmente, de comum acordo, os candidatos ficaram reduzidos a três.

Como os defensores de cada um dos três estavam a ponto de saírem no tapa, designou-se um comitê para tomar a decisão final. Decidiram que, como teste eliminatório, uma mesma mensagem seria enviada para cada um dos três homens, nos seguintes termos:

“Seu amigo Wais está passando por muita necessidade. Ele implora que você o ajude com uma contribuição material”.

Três representantes foram, então, enviados ao encontro desses homens, para dar o recado e retornar com o resultado.



O primeiro mensageiro chegou à casa do Primeiro Homem Generoso e lhe falou aquilo que o comitê o encarregara de dizer.

O Primeiro Homem Generoso respondeu:

“Não me incomode com besteiras; pegue, simplesmente, tudo o que quiser dos meus pertences e entregue ao meu amigo Wais”.

Quando o emissário retornou, as pessoas reunidas pensaram que, sem dúvida, não poderia haver maior generosidade do que essa – nem maior arrogância.

Mas o segundo mensageiro, ao transmitir o recado, recebeu a seguinte resposta do criado do Segundo Homem Generoso:

“Como meu mestre é realmente muito ativo, não posso incomodá-lo com nenhuma mensagem. Mas vou dar a você tudo o que ele tem, e também uma hipoteca sobre seus bens imóveis”.

O comitê, ao receber esse relatório, acreditou que, certamente, esse devia ser o homem mais generoso de toda a Arábia.

Mas ainda não haviam considerado o resultado da missão do terceiro mensageiro.

Este chegou à casa do Terceiro Homem Generoso, que ordenou:

“Encaixote os meus pertences e leve este bilhete ao credor para liquidar todas as minhas propriedades. Depois, fique aqui esperando até chegar uma pessoa enviada por mim”.

Assim dizendo, o Terceiro Homem Generoso saiu.

Quando o mensageiro terminou sua tarefa, viu que um agente do mercado já se encontrava na porta. O agente disse:

“Se você é o mensageiro de Wais para seu amigo, tenho de lhe confiar o valor da venda de um escravo, que acaba de ser negociado no mercado de escravos”.

Esse escravo era o Terceiro Homem Generoso.

Conta-se ainda que, alguns meses depois, o próprio Wais, que era um dos membros do comitê de juízes, visitou uma casa

onde um escravo que o atendia era ninguém menos do que seu amigo, o Terceiro Homem Generoso.

Wais indagou:

“Uma piada pode ir longe demais! Já não é hora de você ser libertado da escravidão?”.

O Terceiro Homem Generoso, que era um sufi, respondeu:

“O que, para alguns, é uma piada, para outros, pode não ser. Além disso, já estou, em conformidade com a lei, negociando a minha liberdade com meu amo. É apenas uma questão de dois ou três anos até que eu esteja livre novamente”.

## A CAIXA DE JOIAS

Conta-se a história de uma mulher que caminhava até uma joalheria carregando uma caixa de joias de tamanhos variados. Bem na porta da loja, ela tropeçou e a caixa caiu no chão.

A tampa da caixa se soltou e as joias espalharam-se por toda parte.

Os assistentes do joalheiro saíram correndo da loja, para impedir que os passantes pegassem aquelas gemas, e ajudaram a reuni-las.

Um avestruz, que transitava por ali, passou correndo e, sem ser percebido na agitação, engoliu a maior e mais valiosa das pedras.

Ao perceber que faltava essa joia, a mulher começou a se lamentar e, apesar de procurar por todos os lados, não conseguiu encontrá-la.

Alguém, então, afirmou:

“A única pessoa que pode ter apanhado a gema é aquele dervixe, sentado, tranquilamente, ao lado da loja”.

O dervixe tinha visto o avestruz engolir a pedra, mas não queria provocar derramamento de sangue. Por isso, quando foi procurado, capturado e, até mesmo, espancado, disse apenas:

“Não peguei absolutamente nada”.

Enquanto batiam nele, um dos seus companheiros apareceu e advertiu a multidão de que devia tomar cuidado com o que estava fazendo. Então, eles o pegaram também, e o acusaram de ter provavelmente tomado a gema do primeiro dervixe, mesmo que ele negasse.

A cena se desenrolava dessa maneira quando apareceu por ali um homem dotado de conhecimento. Ao notar o avestruz, ele perguntou:

“Essa ave estava aqui quando a caixa caiu no chão?”.

“Sim”, responderam as pessoas.

“Nesse caso”, aconselhou o homem, “voltem sua atenção para o avestruz.”

Eles pagaram ao dono do avestruz o valor da ave e a mataram. Em seu estômago, encontraram a joia que faltava.

## AHRAR E O CASAL RICO

Emirudin Arosi, que vinha de uma família conhecida por sua adesão às crenças de uma seita de entusiastas, encontrou um sábio e disse a ele:

“Minha mulher e eu temos tentado, por muitos anos, com determinação, seguir o caminho dervixe. Cientes de que sabíamos menos do que muitos outros, durante bastante tempo nos contentamos em empregar nossa riqueza na causa da verdade. Seguimos pessoas que tomaram para si a responsabilidade de ensinar, das quais agora duvidamos. Nós nos lamentamos; não por aquilo que perdemos em doações materiais, desperdiçadas em transações comerciais inúteis feitas por nossos antigos mentores em nome do Trabalho, mas sim pelo desperdício de tempo e esforço, e pelas pessoas que ainda se encontram em um estado de submissão a mestres iludidos e autoneameados. São pessoas que habitam negligentemente uma casa gerida por dois falsos sufis, em uma atmosfera de anormalidade”.

O sábio, que a tradição chama de Khwaja Ahrar, o Senhor dos Livres, respondeu:

“Vocês se arrependeram do apego a ‘mestres’ imitadores, mas ainda não se arrependeram da própria autoestima, que os faz acreditar que têm uma responsabilidade com os prisioneiros do falso. Muitos deles ainda estão presos em uma rede de enganos, porque também não se arrependeram do engano e desejam o conhecimento fácil”.

“O que devemos fazer?”, perguntou Emirudin Arosi.

“Venham a mim com o coração aberto e sem impor quaisquer condições, mesmo se essas condições forem o serviço à humanidade, ou eu lhes parecer sensato”, disse o mestre, “pois a liberta-

ção dos seus companheiros é uma questão para especialistas, não para vocês. Até a sua capacidade de formar uma opinião a meu respeito é debilitada, e eu me recuso a confiar nela.”

Mas, naturalmente, com medo de estarem cometendo outro erro, Arosi e sua mulher continuaram procurando por outro homem: alguém que pudesse confortá-los. E encontraram. Só que esse homem, como costuma acontecer, era apenas outra fraude.

Mais uma vez, anos se passaram, e o casal retornou à casa de Khwaja Ahrar.

“Viemos, em total submissão”, disseram ao guardião do portão, “para nos colocarmos nas mãos do Senhor dos Livres, como corpos nas mãos do lavador de mortos.”

“Pessoas de bem”, respondeu o guardião, “sua determinação parece excelente, e muito se assemelha à determinação daqueles que o Senhor dos Livres aceitaria como discípulos. Porém, não há uma segunda chance para vocês nesta vida, pois Khwaja Ahrar está morto.”

## BAHAUDIN E O VIAJANTE

Bahaudin Al-Shah, grande mestre dos dervixes Naqshbandi, um dia encontrou um confrade na grande praça de Bokhara.

O recém-chegado era um errante *kalandar* dos Malamati, os “Condenáveis”. Bahaudin estava rodeado de discípulos.

“De onde você vem?”, perguntou ao viajante, na habitual saudação sufi.

“Não faço ideia”, respondeu o outro, com um sorriso tolo.

Alguns dos discípulos de Bahaudin murmuraram palavras de censura pelo seu desrespeito.

“Para onde vai?”, insistiu Bahaudin.

“Não sei!”, gritou o dervixe.

“O que é o Bem?”

A essa altura, uma grande multidão havia se reunido.

“Não sei.”

“O que é o Mal?”

“Não faço ideia.”

“O que é Certo?”

“Aquilo que é bom para mim.”

“O que é Errado?”

“Aquilo que é ruim para mim.”

A multidão, irritada até os limites da sua paciência, expulsou o dervixe. Ele saiu caminhando a passos largos e resolutos em uma direção que, até onde se sabia, não conduzia a lugar nenhum.

“Tolos!”, exclamou Bahaudin Naqshband. “Esse homem está interpretando o papel da humanidade. Enquanto vocês o desprezavam, ele estava, de forma deliberada, demonstrando negligência, como faz cada um de vocês, inconscientemente, todos os dias da sua vida.”

## COMIDA E CANETAS

Era uma vez – e esta é uma história real – um estudante. Ele costumava sentar-se todos os dias aos pés de um mestre sufi, para anotar em um papel tudo aquilo que o mestre dizia.

Como estava sempre muito ocupado com os estudos, ele era incapaz de exercer qualquer trabalho remunerado. Uma noite, ao chegar em casa, sua mulher pôs diante dele uma tigela coberta por um guardanapo.

Ele colocou o guardanapo ao redor do pescoço e então viu que o prato estava cheio de... papel e canetas.

“Já que é isso que você faz o dia todo”, ela disse, “experimente comê-lo.”

Na manhã seguinte, o estudante foi, como de costume, aprender com seu mestre. Mesmo tendo ficado preocupado com as palavras da esposa, ele seguiu no seu padrão de estudos habitual, e não foi buscar trabalho.

Depois de alguns minutos escrevendo, percebeu que sua caneta não estava funcionando muito bem.

“Não se preocupe”, disse o mestre, “vá até aquele canto, traga a caixa que está ali e coloque-a diante de si.”

Ao sentar-se com a caixa e abrir a tampa, ele viu que ela estava cheia de... comida.